
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O POEMA É UMA COISA, QUE NÃO TEM NADA DENTRO: REFLEXÕES METALITERÁRIAS NA POESIA DE FERREIRA GULLAR

José Dino Cavalcante Costa e Luís Henrique Serra (UFMA)
luis.ufma@gmail.com

RESUMO: Ferreira Gullar é, sem alguma dúvida, um dos grandes mestres da Literatura de língua portuguesa. Sem medo de errar, ele ousa mudar sua linguagem de forma brusca e abrupta mostrando sua eterna preocupação com o ato poético. É fato que esse poeta dedica ao ofício do poeta uma especial atenção, ensinando a seus leitores uma das mais inquietantes indagações acerca da poesia: como fazer poesia? Que musas ou experiências merecem uma poesia? Neste estudo, mostraremos que a poesia de Gullar é um centro de discussões sobre a literatura e seu futuro enquanto obra literária. PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Ferreira Gullar; Metaliteratura; Ofício de poeta.

A poesia é, de fato, o fruto
de um silêncio que sou eu, sois vós,
por isso tenho que baixar a voz
porque, se falo alto, não me escuto.
(Ferreira Gullar – *Em Alguma Parte Alguma*)

INTRODUÇÃO

Boa parte das investigações e leituras que se realizam sobre a poesia de Ferreira Gullar, poeta maranhense, estão ligadas a dois aspectos importantes do universo gullariano: primeiro, e o mais saliente, diz respeito à questão do percurso poético e ideológico que o literário cursa ao longo de sua carreira partidária: seus poemas de cunho demagógicos e militantes, que marcam boa parte de seus primeiros livros, estão em constante análise pela Crítica Literária; o segundo aspecto versa sobre as mudanças no formato da linguagem, implementadas pelo poeta em seu percurso criativo, desde as experiências de desintegração da linguagem, em *Luta Corporal*, da década de 50 (1953), passando pela poesia popular, com os cordeis *História de um*

valente, *Quem matou Aparecida* e o conhecido *João Boa-Morte, Cabra Marcado para Morrer*, de 1962 e 1966 e pela poesia neoconcreta, como *Mar Azul, Formigueiro, Girasol* dentre outras, para que, daí, então, formasse-se um poeta com vieses existencialistas e marcante, como demonstra em seu último livro de poesias *Em Alguma Parte Alguma* (2011). Contudo, nas visões centradas nesses dois aspectos, é possível sentir a ausência de um não menos importante aspecto da poesia do maranhense, o aspecto metaliterário, que, para nós, é um dos mais recorrentes em seus poemas.

O eu-lírico que se expressa em Gullar é um eu-lírico consciente de seu fazer literário. Não são raras as vezes que nos deparamos, no universo gullariano, com uma poesia calçada pelo discurso metaliterário. Um eu-lírico que, como poucos, discute sobre o processo de formação, criação e leitura da literatura, sobretudo, do poema, como manifestação primeira da Literatura. E o mais importante, mesmo com as constantes experiências artísticas feitas pelo poeta ao longo de sua trajetória literária, jamais o tema do fazer literário fica em segundo plano. Como veremos, não importa a coletânea de poemas que se leia de Ferreira Gullar, todas trazem um grande número de poemas que tratam do fazer literário, misturados, de contínuo, às reflexões aprofundadas do eu e o outro.

Isso tudo, talvez, se dê pela própria formação do poeta maranhense: crítico literário, profundo estudioso das artes em geral, Gullar problematiza o ato da criação literária das mais diversas maneiras, sendo a poesia, em algumas abordagens, instrumento de luta contra os opressores que crescem sobre a fraqueza dos oprimidos, sobretudo em tempos de convulsões sociais, e, em outras, o poema é um escape ao existir, uma maneira deleitosa de sentir-se humano, um lugar de lembranças, lugar de sentir-se um ser dentro de uma atmosfera anômala e amorfa como é a atmosfera pós-moderna.

É fato que a grande parte dos poetas modernos e pós-modernos trazem em seu cabedal de criações literárias reflexões sobre a literatura. Isso, talvez, se dê graças à mudança do próprio conceito de arte que se tornou volátil após as inúmeras reflexões feitas no início do século XX. Com o advento das vanguardas européias, que influenciaram muitos de nossos importantes artistas brasileiros, como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Carlos Drummond de Andrade, o próprio Ferreira Gullar entre outros. O conceito de arte não era mais o acadêmico, feito sob rigorosos preceitos estéticos, mas sim, a arte tomava ares de liberdade, de salvadora de identidades nacionais, muito mais do que no movimento romântico, sobretudo no Brasil, um país profundamente influenciados pelo que vinha de fora. O conceito de poesia, a partir de então, tornou-se um conceito muito mais abrangente e livre de convenções acadêmicas.

Neste estudo, trataremos da poesia de Ferreira Gullar sobre o seu aspecto metaliterário. Observaremos, por meio de um leve debruçar sobre o universo gullariano, um eu-lírico sempre indagador, reflexivo e inquietante com relação à arte e suas mais diversas relações. Selecionamos poemas e trechos de poema em que o caráter metaliterário é evidente, trazendo em seu núcleo, inúmeras reflexões sobre o papel da Literatura frente à realidade que lhe serve de matéria prima. Com isso, Será possível

observar as relações existentes entre o sentido dessas poesias e a realidade social brasileira. Esse aspecto da literatura de Gullar justificará muitos dos seus pontos de vista, tanto políticos quanto sociais.

1. A METALITERATURA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

É válido, antes de entrarmos mais profundamente em Ferreira Gullar, nos determos mais no conceito de Metaliteratura para que possamos entender os objetivos reais desse poeta ao discursar sobre o poema e o poeta. Iniciaremos, portanto, com um importante conceito criado por Barthes. Ele nos alerta que:

A lógica nos ensina a distinguir, de modo feliz, a linguagem objeto da metalinguagem. A linguagem-objeto é a própria matéria que é submetida à investigação lógica; a metalinguagem é a linguagem forçosamente artificial pela qual se leva adiante essa investigação. Assim – e este é o papel da reflexão lógica – posso exprimir numa linguagem simbólica (metalinguagem) as relações, as estruturas de uma linguagem real (linguagem-objeto). (BARTHES, 2007: 27)

Nessa esteira, Barthes lembra que a Literatura, durante muito tempo, não se viu como um objeto a ser tratado, algo no qual se poderia debruçar e dar atenção. Mas isso muda com o Modernismo, ou antes disso, com o Romantismo, conforme lemos:

Durante séculos nossos escritores não imaginavam que fosse possível considerar a literatura (a própria palavra é recente) como uma linguagem, submetida, como qualquer outra linguagem, à distinção lógica: a literatura nunca refletia sobre si mesma (às vezes sobre suas figuras, mas nunca sobre seu ser), nunca se dividia em objeto ao mesmo tempo olhante e olhado; em suma, ela falava mas não se falava. Mais tarde, provavelmente com os primeiros abalos da boa consciência burguesa, a literatura começou a sentir-se dupla: ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura. (BARTHES, 2007: 26-27)

Arribas (s/d) afirma que o conceito de metaliteratura é emprestado da Linguística, sobretudo de Roman Jakobson com o seu conceito de metalinguística. O conceito de que a língua tem como uma de suas funções mais importantes a de explicação do próprio código linguístico acaba resvalando na Literatura, criando, um conceito teórico de metaliteratura. Nas palavras do próprio autor:

La Metaliteratura es el resultado de extender la función metalinguística de Roman Jakobson al texto literario por medio de una adaptación que consiste em definir la operación que el texto puede llevar a cabo para mostrar el

procedimeiento mismo de su funcionamiento interno, anotando de paso el concepto de una funcións metaliteraria dentro da literariedade” (ARRIBAS, S/D: 457)

A metaliteratura seria, desse modo, a reflexão, no texto literário, sobre a própria literatura, bem como do seu modo de produção, o papel construtor do leitor, frente à obra, e a receptividade, a criação do sentido pelo leitor.

O poeta serve como um *professor*, um guia, um mestre, que orienta seus leitores à importância da literatura para o mundo e sua história, bem como, um crítico literário que reflete sobre a produção do texto literário. O predomínio dessa função em um texto (prosa ou verso), ainda segundo Arrias (s/d), nos leva a uma nova tipologia textual, que é o texto literário metalinguístico.

O dicionário eletrônico de termos literários *E-dicionário de Termos Literários* define metaliteratura como:

qualquer texto pertencente a determinado gênero literário que trata outros textos ou gêneros literários, sendo exemplo um romance que tem como temática a poesia, como também as obras de um gênero literário que se voltam para si mesmas, ou seja, para a essência do gênero onde elas próprias se inscrevem, adquirindo, assim um caráter *autoreflexivo*, como são exemplo os romances que reflectem sobre o próprio processo de escrita do romance e a sua ficcionalidade. Estão assim contidos neste termo conceitos como os de metadrama, metaficção e metapoesia.

Desse modo, é importante dizer que a metaliteratura é uma reflexão, um olhar sobre o próprio ato, uma clara e lúcida visão sobre o que se faz, o que se diz. O discurso metaliterário tem um importante objetivo ao fazer essa reflexão: segundo Harmuc (2003), o poeta ou o prosador quer desenvolver a própria literatura, evoluir sua forma, seu conteúdo, seu olhar sobre o real, o poeta tenta achar novas dimensões para serem visitadas, do que a dimensão do imediato. O recurso da metaliteratura é o chamado do poeta com relação a sua obra, é a busca pela resposta as suas indagações existenciais.

Não são poucos os artistas que enveredam pelo caminho da crítica, da metaliteratura. Esse parece ser um dos aspectos mais expressivos na poesia moderna, podendo, assim, colocá-lo como um ponto a ser marcado na caracterização do movimento Pós-modernista, ou como vimos em Barthes, ainda modernista. Só para citar dois exemplos como ilustração disso, temos Clarice Lispector em *A Hora da Estrela* e Mário de Andrade com *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema*.

2. A METALITERATURA NA POESIA DE FERREIRA GULLAR

De posse desses conceitos é importante vê-los na poesia de Ferreira Gullar. Vejamos quais são as contribuições do poeta maranhense a Literatura; como que a poesia pode ser desenvolvida com mais vigor, segundo a ótica do poeta? Quais as indagações do poeta acerca do que é poesia, e a que nível podemos sentir essa angústia do ato literário em Ferreira Gullar? Essas questões carecem de uma reflexão sobre a poesia e o universo de Ferreira Gullar, embora a que aqui faremos seja sucinta, ela abre para uma nova perspectiva e análise do universo lírico de Ferreira Gullar.

Gullar, ao longo de sua carreira, fez inúmeras tentativas estéticas, o que resultou em movimentos literários, como o concretismo e, por vezes, em fracassos literários, como foi o *Poema Enterrado*, que se tratava de uma instalação no Rio de Janeiro em que as pessoas poderiam entrar para encontrar diversos cubos de madeiras guardados um dentro do outro. No último dos cubos, havia um papel escrito *Rejuvenesça*. Na verdade, essa tentativa extrema do concretismo da poesia acabou não dando certo, visto que a instalação acabou sendo estragada pela chuva, que fora intensa no dia de seu lançamento.

Pelo percurso literário que Ferreira Gullar traça, observamos um poeta inquieto com a padronização, indagador, intemerado, forte, de posições bastante eloquentes, contundentes e reflexivas acerca da Literatura e do seu fazer. Vale lembrar um dos primeiros e mais interessantes testes que Ferreira Gullar fez em sua linguagem: embora não tenha sido o primeiro livro lançado pelo poeta maranhense, em *A Luta corporal*, Ferreira Gullar rejeita a forma natural das palavras, sua formação, e lança um livro de poesias feitas a partir das desconstruções da linguagem, da fragmentação dela. O poeta, na obra desfaz e refaz as palavras, desintegrando-lhes e dando-lhes formas, e por vezes, conteúdos novos e incompreensíveis, como nesse trecho do poema “Roczeral”:

Au sôflu i luz ta pom-
pa inova'
orbíta
FUROR
tô bicho
'scuro fo-
go
Rra (GULLAR 1983: 113)

Gullar, depois de destruir a linguagem, tenta reconstruí-la, dando-lhe novas formas, novos conteúdos. O poeta, em suas poesias experimentalistas, busca uma linguagem sem igual, rompe com todas as formas pré-existentes na Literatura para mergulhar num diálogo com a arte concreta, unindo duas formas de artes que não conversavam tão perto, como é a arte da palavra e a arte da forma (artes plásticas). Essa atitude nos remete a pensar em uma reflexão bastante interessante sobre o fazer poético na poesia gullariana. Nesse experimento, Gullar olha para a poesia e despreza a forma

canônica, metrificada muito mais do que fizeram os modernistas. É interessante observarmos o que escreve Costa (2004):

Gullar, na obra *A luta corporal*, refaz sua poética e conduz sua ruptura com um modelo clássico de composição, no qual se privilegiava a “forma perfeita”, com verso rimado e métrica rígida. Pelo processo de fragmentação do discurso, Gullar, num gesto corajoso, reelabora o espaço ocupado pelo signo e explora os vazios e os brancos da folha, a exemplo do que fez Stéphane Mallarmé. (COSTA, 2004: 182) (grifos originais).

Esse diálogo, como sabemos, leva Ferreira Gullar à arte concreta e mais tarde à arte neo-concreta, movimento literário e artístico que encabeça junto com Haroldo de Campos. Antes, em se tratando do caráter metaliterário, Gullar propõe então o dessecamento da palavra. Com sua proposta, Ferreira Gullar mais uma vez reflete sobre a literatura mostrando que ela deveria acompanhar o mundo que lhe está em volta. Com as revoluções tecnológicas, a poesia deveria abandonar o jeito já consagrado há milênios e embarcar em uma experimentação que lhe trará nova roupagem: tudo deveria ser destruído, rompimento total com o passado, para que nascesse uma poesia mais moderna, mais alinhada com o seu tempo, com sua realidade, uma vez que muito mais rapidamente muda a sociedade, que a essas alturas, estava mergulhada em um mar de revoluções políticas e sociais.

Mais adiante, em *Dentro da Noite Veloz*, de 1975, as ideias revolucionárias, que já davam seus primeiros suspiros nos romances de cordel, eram coroadas com poemas ricos em rima, linguagem facilitada e um tom demagógico. Mesmo profundamente influenciado pelas ideias marxistas, e pelo comunismo na Rússia, Ferreira Gullar não pôde deixar de pensar na Literatura, no ato do fazer poético.

Contudo, agora, a poesia, mais do que nunca precisaria ser aplicada (utilitária), precisaria ser uma voz da população, visto que o mundo estava convulso, mergulhado em profundas transformações internacionais, como a independência dos países africanos; a revolução cubana feita por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara; vários embaixadores de nações amigas do Brasil sendo seqüestrados e o golpe militar que fora dado nove anos atrás, havia chegado a sua face mais dura com o AI-5, em 1968. Gullar, em meio a esse universo, esse turbilhão do tempo, grita por revolução como um ativista. A poesia deveria crescer junto com o povo, em busca do sonho da liberdade. Agora, a poesia de Gullar estava madura, e, portanto, ela deve ser uma arma afiada e potente:

Meu povo e meu poema crescem juntos
Como cresce no fruto
A árvore nova
(...)
No povo meu poema está maduro
Como o sol
Na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
Se reflete
Como a espiga se funde em terra fértil
Ao povo meu poema aqui devolvo
Menos como quem canta
Do que planta
(GULLAR 1983: 217)

A poesia e o povo devem crescer juntos em meio a tantas transformações. Agora, a poesia é o próprio povo, a voz do povo encontra espaço e amplia-se na poesia, sobretudo gullariana. Com essa transformação, a poesia deve estar pronta para uma um outro nível, um nível de relação jamais vivido, um nível sem igual, um caminho de jargões populares, calões e verdade *nua e crua*, diarréica. No poema *A Bomba Suja*, a realidade brasileira, como na prosa de Graciliano Ramos, Guimarães Rosas e Raquel de Queirós, passa a ser ingrediente principal, chocante, antiliterário do poema, anti-heroico, o poema se torna denunciador:

Introduzo na poesia
A palavra diarréia
Não pela palavra fria
Mas pelo o que ela semeia.
Quem fala em flor diz tudo
Quem me fala em dor diz demais
O poeta se torna mudo
Sem as palavras reais
(GULLAR 1983: 218)

O poeta é chamado à luta. A poesia deve ver a realidade, a poesia não pode estar presa a um mundo fantasioso, o poeta não pode pensar está fora dessa realidade que afeta a vida de todos, e como ele é o único que tem o poder da palavra reveladora, este passa a ser conclamado à luta, ele deve lutar, deve ver qual sua verdadeira função no meio da opressão. Em *Volta pra Casa*, o eu-lírico, depois de um dia comum, reflete qual o papel do poeta nesse contexto:

Às vezes pensas
com nostalgia
nos anos de guerra.
o horizonte de pólvora,
o cabrito. Mas a guerra
agora é outra. Caminhas
Tua casa está ali. A janela

acessa no terceiro andar. As crianças
ainda não dormiram.
Terá o mundo de ser para eles
este logro? Não será
teu dever mudá-lo?
Aperta o botão da cigarra.
Amanhã ainda não será outro dia.
(GULLAR 1983: 222-223)

Continuado nessa idéia, um dos poemas mais contundentes de Gullar é *Não Há Vagas*. Nele, a função metaliterária é muito evidente, o poeta deve esquecer o homem sem estômago, a mulher de nuvem (os idealizados, que não existem, os intocáveis), a fruta sem preço e olhar para o Brasil, denunciar aquilo que está massacrando o povo. O eu-lírico conclama a arte para uma luta revolucionária, reveladora, insita aos poetas para abrirem seus poemas em favor do povo, do homem que esmerilha o seu dia de aço e carvão, em favor do funcionário público.

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

– porque o poema, senhores,
está fechado: “não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira.
(GULLAR 1983: 224)

Aqui, a crítica é feroz, objetiva. A Arte, a poesia, a Literatura estão preocupadas com que lhe não é realidade, a Literatura está olhando para trás, em vez de para frente. O poeta é um capitão revolucionário que arregimenta um tipo de poesia (e

poetas) nova (os), que olhe pra frente, que olhe para si, para o povo, uma poesia que sai dos salões e vá gritar nas ruas do mundo. O poema é como uma bandeira criada com restos de dor e de sofrimento resultantes da injustiça social implacável. Com essa bandeira, o poeta escapa da ilusão e deságua em um novo amanhã invisível, sem opressão, sem tristeza e sem injustiça. É o que sugere o eu-lírico em “Agosto 1964”:

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida
meu reduto, meu reino.
Do salário injusto
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construímos um artefato

um poema
uma bandeira
(GULLAR 1983: 233)

Notemos a mesma ideia em “Boato”

Espalharam por ai que o poema
É uma máquina
Ou um dilema
Que o poema repele tudo que nos fala à pele
(...) que o poema só aceita
A palavra perfeita
Ou rarefeita
Ou quando muito aceita a palavra neutra
Pois quem faz o poema é um poeta
E que lê o poema é um hermeneuta
(...)
Como ser neutro, fazer
Um poema neutro
Se há uma ditadura no país
E eu estou infeliz?

Ora, eu sei muito bem que a poesia
Não muda (logo) o mundo
Mas é por isso mesmo que se faz poesia:
Porque falta alegria.

E quando há alegria

Se quer mais alegria!
(GULLAR 1983: 253-254)

Em *Dentro da Noite Veloz* essa idéia perpassa quase toda a poesia. Gullar parece ter escrito o livro para dizer, para chamar as artes à luta, a conscientização. Vemos o mesmo tom ideológico revolucionário e metaliterário em, *No Corpo, A Poesia, Pôster*, entre outras.

Contudo, *Dentro da Noite Veloz*, não consegue esgotar o tom metaliterário do poeta. Em *Na Vertigem do Dia*, de 1980, Gullar incendeia o mundo literário e traduz a poesia como subversiva, mas, porém, a classifica como único caminho para mudar a realidade. Quando ela chega, tudo muda, tudo se transforma. Vejamos em “Subversiva”:

A poesia
quando chega
não respeita nada.
Nem pai nem mãe.
Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
infringe o Código de Águas
relincha
como puta
nova
em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois
reconsidera: beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

E promete incendiar o país

(GULLAR, 1983: 440)

Porém, para Gullar, a poesia não se resume a uma arma panfletária para as ideias de liberdade e revolução. Como dissemos no início, em um outro estágio de sua poesia, agora mais intimista, subjetiva, mais altruísta, a identidade do poeta, mais uma vez, carece de significados, mais uma vez, a voz do mestre poeta se ascende em meio de um outro tipo de revolução, agora íntima, solitária. Em *Barulhos*, livro lançado em 1987, o ofício de poeta parece, num olhar desmedido para dentro, não ter sentido, uma vez que as épocas de revoluções já cessaram, direitos já foram adquiridos, vidas

já foram salvas, e agora, o que o poeta vai fazer com sua potente habilidade, o que *poemar*? O que fazer? O poema agora é como uma nuvem. Lemos no poema que dá nome ao livro:

Todo poema é feito de ar
apenas:
a mão do poeta
não rasga a madeira
não fere
o metal
a pedra
não tinge de azul
os dedos
quando escreve manhã
ou brisa
ou blusa
de mulher.

O poema
é sem matéria palpável
tudo
o que há nele
é barulho
quando rumoreja
ao sopro da leitura.

(GULLAR 2007: 14)

Gullar, com seu fôlego de poeta, responde todas essa indagação como um mestre, que versa sobre a arte como ninguém: em *Não-Coisa*, arrebatada todas as questões. No poema, a poesia tem sua contribuição mais preciosa, dada pelo mestre maranhense. Nos versos iniciais, as indagações que nasceram em *Barulhos* são todas respondidas em tom de maestria pelo poeta metaliterário:

O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.

Uma fruta uma flor
um odor que relume...
Como dizer o sabor,
seu clarão seu perfume?

Como enfim traduzir

na lógica do ouvido
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?

A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes

só o sabes no corpo
o sabor que assimilas
e que na boca é festa
(GULLAR 1999: 23)

Como o poeta trará pela palavra a sensação das coisas? Aqui, o ofício de poeta é problematizado em busca do verdadeiro sentido da arte, da literatura, que é refletir e trazer sentidos novos e comuns a todos os seres humanos. Nessa perspectiva, o poeta deve ser aquele que conhece como ninguém a alma humana, os segredos desse tesouro guardado no corpo e na mente de cada um de nós. Gullar, porém traz a lume a habilidade do poeta de destrancar a alma humana por meio dos sentidos, que só poderão ser livres pela poesia: “No entanto, o poeta / desafia o impossível / e tenta no poema / dizer o indizível” (GULLAR, 1999: 23).

Para desvendar esses segredos, o poeta necessita subverter a ordem das coisas, ousar, desfazer-se de suas credices, entre muitas outras sugestões dadas pelo mestre, que são mais bem dadas pelas próprias palavras dele:

subverte a sintaxe
implode a fala, ousa
incutir na linguagem
densidade de coisa
sem permitir, porém,
que perca a transparência
já que a coisa é fechada
à humana consciência.

O que o poeta faz
mais do que mencioná-la
é torná-la aparência
pura — e iluminá-la.

Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro
(GULLAR 1999: 23-24)

Finaliza dizendo que independente de qual for a época, independente de qual for a revolução, de qual for o poeta, Gullar diz que a voz da poesia não pode se apagar, tem sempre que está em voga, lutando, querendo mudar ao mundo e a si mesmo, todas as reflexões são válidas, afinal de contas, são reflexões que visam melhorar a poesia, e deixá-la mais atual, mais utilitária, mais forte, mais representativa da humanidade. Gullar, como que querendo perpetuar o fazer poético, finaliza dizendo: “a não ser o ressoar / de uma imprecisa voz / que não quer se apagar / essa voz somos nós”(GULLAR 1999: 24).

ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS

Nesta breve leitura da poesia de Ferreira Gullar já podemos observar um eu-lírico bastante preocupado com o fazer poético, sua continuação, sua definição. Ferreira Gullar é um poeta que está sempre ligado à problematização da arte, e da Literatura, sobretudo a poesia, que está na esteira de suas preocupações mais visíveis. Muitas vezes, como vimos, o ofício de crítico de arte extrapola os limites do científico, do técnico, do acadêmico para desembocar no de poeta. Ferreira Gullar parece sempre preocupado com o papel do poeta ante as transformações sociais e culturais pelas quais passa o mundo. Para o metaliterário, a poesia deve acompanhar essas transformações, correndo o risco, caso não acompanhe, de se tornar abstrata e incompreensível. Desse modo, Gullar sabe usar a poesia como poucos a fim de alcançar seus fins ideológicos e filosóficos.

O poeta é um indagador e ao mesmo tempo um formador de opiniões. Graças a essa característica, a poesia de Gullar sofre profundas transformações que nos levam a níveis cada vez mais altos de pensamento e sensações. Na verdade, são essas indagações que marcam a poesia do poeta maranhense, as respostas a elas fazem de Ferreira Gullar um poeta admirável e acima de tudo, militante da poesia, um cavaleiro incansável da arte.

OBRAS CITADAS

ARRIBAS, J C. *Las estructuras formales de la metaliteratura*. Disponível em: http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/ficheiro_articulos?articulo Acesso em: 27 de julho de 2011.

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMENIETZÍ, E. Z. *Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

COSTA, L. C. “Cor(P)oralidade em Ferreira Gullar e Hélio Oiticica”. *Revista emTese* (Belo Horizonte) 1.9 (jul.-dez. 2005): 181-189.

E-DICIONÁRIOS DE TERMOS LITERÁRIOS DE CARLOS CÉIA. Disponível em: ww.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1567&Itemid=2. Acesso em 02/ agosto/ 2011

GULLAR, F. *Toda poesia (1950/1980)*. São Paulo: Circulo do livro, 1983.

_____. *Muitas Vozes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

_____. *Barulhos*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

HARMUCH, R. A. “Quando chapéus turbam percursos.” *Revista Letras* (Curitiba) 61 (jul.-dez. 2003): 387-385.

O POEMA É UMA COISA QUE NÃO TEM NADA DENTRO: THE METALITERATURE IN FERREIRA GULLAR'S POETRY

ABSTRACT: Ferreira Gullar is with no doubt one of the great masters of Literature in Portuguese. With no fear of making mistakes he dares change his language suddenly and abruptly showing his eternal concern with the poetic act. Surely this poet dedicates a special attention to the poet's craft, teaching his readers one of the most troubling questions about poetry: how to make poetry? Which Muses or experiences deserve a poem? In this study, We show that Gullar's poetry is a standpoint for discussions about literature and its future while a literary work.

KEYWORDS: Poetry; Ferreira Gullar; Metaliterature; Poet's craft.

Recebido em 29 de maio de 2012; aprovado em 30 de setembro de 2012.